

**DIÁLOGOS NA  
PERSPECTIVA  
HISTÓRICO-CULTURAL**

INTERLOCUÇÕES COM  
A CLÍNICA DA ATIVIDADE



*Série Desenvolvimento Humano e Práticas Culturais*

---

Organizadoras

Ana Luiza Bustamante Smolka

Ana Lúcia Horta Nogueira

Conselho Editorial

Angel Pino

Gilberta Januzzi

Maria Cecília Rafael de Góes

Marta Kohl de Oliveira

Regina de Assis

LUCI BANKS-LEITE  
ANA LUIZA B. SMOLKA  
DANIELA DIAS DOS ANJOS  
(ORGANIZADORAS)

**DIÁLOGOS NA  
PERSPECTIVA  
HISTÓRICO-CULTURAL**  
INTERLOCUÇÕES COM  
A CLÍNICA DA ATIVIDADE

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Diálogos na perspectiva histórico-cultural : interlocuções com a clínica da atividade / Luci Banks-Leite, Ana Luiza B. Smolka, Daniela Dias dos Anjos, (organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2016. – (Série Desenvolvimento Humano e Práticas Culturais)

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-428-1

1. Desenvolvimento humano 2. Educação 3. Psicologia do trabalho  
I. Banks-Leite, Luci. II. Smolka, Ana Luiza B.. III. Anjos, Daniela Dias dos. IV. Série.

16-03407

CDD-370.115

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Desenvolvimento humano : Educação 370.115

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

*Obra em acordo com as novas  
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**MAIO/2016**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

## Sumário

APRESENTAÇÃO ..... 9

*Luci Banks-Leite*

### **Parte I – Questões de desenvolvimento humano**

*A noção de desenvolvimento e o estatuto  
dos instrumentos técnicos e semióticos*

AS MARCAS DO HUMANO – PISTAS  
PARA O CONHECIMENTO DA NOSSA  
IDENTIDADE PESSOAL ..... 23

*Angel Pino*

ATIVIDADE, INSTRUMENTO E  
DESENVOLVIMENTO HUMANO EM  
SITUAÇÃO DE ENSINO-APRENDIZAGEM  
PROFISSIONAL: UM PROTÓTIPO  
DE ANÁLISE ..... 33

*Anselmo Pereira de Lima*

PRESCRIÇÃO E DESENVOLVIMENTO  
EM SITUAÇÃO DE TRABALHO ..... 49

*Mauricio Ernica*

*Afetos, emoções e sentimentos  
no desenvolvimento humano*

AS NUANCES DA AFETIVIDADE: EMOÇÃO,  
SENTIMENTO E PAIXÃO EM PERSPECTIVA . . . . . 61

*Bader Sawaia e Lavínia L. S. Magiolino*

A INTERFUNCIONALIDADE DOS AFETOS, DAS  
EMOÇÕES E DOS SENTIMENTOS: O PODER  
DE SER AFETADO E O PODER DE AGIR . . . . . 87

*Yves Clot*

A DINÂMICA AFETIVA NO DESENVOLVIMENTO  
HUMANO: ESFORÇOS DE COMPREENSÃO  
E CONCEITUALIZAÇÃO. . . . . 97

*Ana Luiza Bustamente Smolka*

## **Parte II – Estudos em Clínica da atividade**

*Papel do expert/ especialista versus  
intervenant em clínica da atividade*

O PAPEL DO EXPERT/ESPECIALISTA VERSUS  
CLÍNICO/INTERVENANT EM CLÍNICA DA  
ATIVIDADE – AFINAL QUEM ANALISA A  
ATIVIDADE DE TRABALHO? . . . . . 113

*Maria Elizabeth Antunes Lima e*

*Matilde Agero Batista*

OLHARES E FAZERES DISTINTOS SOBRE A  
INTERVENÇÃO E A PESQUISA. . . . . 131

*Giselle Reis Brandão*

PESQUISA E INTERVENÇÃO: MOVIMENTOS  
QUE SE CRUZAM E COEXISTEM, EM MUTUA  
INTERFERÊNCIA . . . . . 153

*Claudia Osorio da Silva*

*Autoconfrontações e Estudos da Linguagem:  
análises do trabalho docente*

AUTOCONFRONTAÇÃO SIMPLES: REFLEXÕES  
SOBRE QUANDO O PESQUISADOR É UM  
COLEGA DE TRABALHO . . . . . 171

*Luzia Bueno e Renata Correa Rocha*

O TRABALHO DO PROFESSOR-ELABORADOR  
DE MATERIAL DIDÁTICO EM DEBATE:  
O QUE A LINGUAGEM REVELA SOBRE OS  
IMPEDIMENTOS AO AGIR. . . . . 189

*Flavia Fazon e Eliane Gouvêa Lousada*

O QUE AS AUTOCONFRONTAÇÕES  
PODEM DIZER ACERCA DO TRABALHO  
DO PROFESSOR? . . . . . 215

*M. Cecília Pérez de Souza-e-Silva*

*A realização do trabalho de intervenção:  
potencialidades dos dispositivos metodológicos*

A UTILIZAÇÃO DO MÉTODO DE  
AUTOCONFRONTAÇÃO CRUZADA NA  
ATIVIDADE DE ATENDIMENTO AO CLIENTE . . . 231

*Raquel Guimarães Soares e Daisy Moreira Cunha*

AUTOCONFRONTAÇÃO CRUZADA:  
POTENCIALIDADES DO USO DO DISPOSITIVO  
METODOLÓGICO NA REFLEXÃO SOBRE  
A PRÁTICA DOCENTE . . . . . 253

*Daniela Dias dos Anjos*

A VERBALIZAÇÃO SOBRE A ATIVIDADE  
DE TRABALHO: O PAPEL DA  
AUTOCONFRONTAÇÃO. . . . . 275

*Eliane Gouvêa Lousada e Ermelinda Barricelli*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOBRE OS AUTORES . . . . . 301





## Apresentação

*Luci Banks-Leite*

Esta coletânea de textos originou-se do Seminário *Vygotski: teoria e método – perspectivas em debate*, realizado de 4 a 7 de fevereiro de 2013, na Faculdade de Educação da Unicamp. Tal evento, organizado por membros do Grupo de Pesquisas Pensamento e Linguagem (GPPL) – grupo que há (quase) três décadas realiza suas pesquisas em psicologia no âmbito da perspectiva histórico-cultural –, reuniu professores e pesquisadores de várias universidades do País. O encontro teve como objetivo principal a apresentação e discussão de estudos relacionados à Clínica da Atividade (CA) em sua estreita relação com o desenvolvimento humano e contou com a participação de um convidado especial, *Yves Clot*, professor titular de Psicologia do trabalho, do CNAM – *Conservatoire National des Arts et Métiers* – de Paris, com quem o grupo tem mantido intercâmbios regulares, nestes últimos anos.

As diferentes sessões temáticas desse Seminário foram organizadas de maneira a dar espaço para comunicações orais das pesquisas por seus respectivos autores, seguida da intervenção de um ou mais debatedores desses trabalhos.

Esta publicação segue um modelo semelhante, ou seja, apresenta, alternadamente, dois trabalhos de pesquisa e um texto comentando, discutindo ou ressaltando pontos desses estudos. Dividida em duas partes principais, a primeira é dedicada à discussão de temas relativos ao desenvolvimento humano e a segunda, aos estudos realizados no âmbito da clínica da atividade.

Em seu conjunto, a maioria desses textos se vale do referencial teórico da Clínica da Atividade, concebido pelo Professor Clot e seus colaboradores do CNAM e, por essa razão, empregam e/ou discutem instrumentos metodológicos que lhe são próprios. A obra de Clot, claramente inserida no campo da vertente histórico-cultural em psicologia, fundamenta-se nos trabalhos de Vygotski, pesquisador que, ao lado de Leontiev e Luria, constituiu a famosa troika da Psicologia soviética, bem como nos estudos de Bakhtin e em pesquisas da área de ergonomia. Assumindo uma posição crítica ao que se faz(ia) no seu campo de pesquisas e atuação, qual seja, a psicologia do trabalho, Clot elabora uma psicologia focada nos trabalhadores, em suas atividades e modos de agir e de fazer, e concebe o trabalho como um campo de desenvolvimento humano (Clot 2006). Além desse importante referencial, vários estudos que focalizam questões de linguagem, apoiam-se também em noções do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), perspectiva elaborada por Jean-Paul Bronckart, professor da Universidade de Genebra (Suíça), que teve a saudosa professora Anna Rachel Machado como sua maior divulgadora no Brasil.

A primeira parte do livro é constituída por duas seções; a primeira seção – *A noção de desenvolvimento e o estatuto dos instrumentos técnicos e semióticos* – se inicia com um brilhante texto teórico do Professor Angel Pino<sup>1</sup> que

---

1. O professor Pino, debatedor dos trabalhos apresentados sobre esse tema, não pode redigir o texto referente ao seminário, devido a problemas de saúde que resultaram em seu falecimento, em agosto de 2013. Assim sendo, em homenagem póstuma à sua grande contribui-

trata de um conceito básico do campo da psicologia, a saber, o desenvolvimento humano. A partir de uma discussão sobre a relação natureza↔cultura, essencial para se entender o processo de humanização, tanto do ponto de vista filogenético como ontogenético, Pino levanta e discute questões fundamentais: como o bebê do homem, enquanto ser biológico, “natural” se humaniza, se constitui? E quais seriam as “marcas” dessa constituição? O texto que segue, de Anselmo Lima, traz uma análise detalhada do uso de um instrumento – um martelo – em uma visita técnica de alunos a oficinas da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), em um contexto de ensino e aprendizagem; o exame de uma situação prática leva o debatedor, Maurício Ernica, a uma discussão de dois aspectos abordados nessa pesquisa: um deles traz uma interpretação distinta das efetuadas por Lima sobre a atividade realizada pelo aluno na situação examinada e, o outro, mais geral, em que a concepção de desenvolvimento humano é discutida na perspectiva de Vygotski, através de trechos da obra desse autor.

A segunda seção – *Afetos, emoções e sentimentos no desenvolvimento humano* – traz dois textos que abordam a dimensão afetiva do desenvolvimento humano, tema esse que tem sido objeto de estudos tanto de pesquisadores da área da Clínica da Atividade, no CNAM, quanto de integrantes do Grupo de Pesquisa *Pensamento e Linguagem*, da FE/Unicamp. Um ponto comum diz respeito à (in)distinção dos termos – sentimentos, afetos, emoções – conduzindo uma importante discussão sobre a necessidade de distingui-los conceitualmente, mas ambos se ampliam para outras questões relativas a esse instigante assunto. Sawaia e Magiolino trazem a contribuição de autores de diferentes áreas do saber,

---

ção à perspectiva histórico-cultural em Psicologia e à guisa de pano de fundo para a discussão de questões abordadas em vários estudos desta coletânea, decidiu-se publicar este texto por ele apresentado no ENDIPE, em 2004.

preocupados com o estudo desse tema: Rimé, da sociologia, Wallon, da psicologia genética, Damásio, da neurologia e também Clot, em suas elaborações estreitamente relacionadas ao seu campo de atuação, ou seja, o da psicologia do trabalho. O exame dessas posições leva as autoras às pertinentes reflexões de Espinosa, bem como às repercussões das ideias desse filósofo no pensamento de Vygotski. Por sua vez, o texto de Clot, baseado em sua apresentação no seminário de 2013, trata da interfuncionalidade dos afetos, das emoções e dos sentimentos e constituiu esboço de um trabalho mais amplo. Apoiando-se em Vygotski, mas trazendo também a contribuição de Wallon, Canguilhem e outros autores, Clot elabora um texto denso e conciso e deixa muitas questões em aberto, como bem assinala Smolka ao comentar a contribuição dos autores dessa seção. De fato, a debatedora explicita dúvidas e problematiza questões fundamentais, referindo-se a diferentes textos dos psicólogos citados, bem como a outros textos de autoria do próprio Yves Clot. Assinala, com muita propriedade, que enquanto “Wallon e Vygotski se preocupam em explicar a gênese e a função das emoções no desenvolvimento humano, Clot enfoca e busca explicar a dinâmica e o desenvolvimento da própria afetividade e suas relações com o desenvolvimento da atividade”. Em suas respectivas abordagens, e assumindo pressupostos teóricos semelhantes, cada autor mantém um tratamento específico dessas amplas questões, de maneira a se complementarem.

A segunda parte – *Estudos em clínica da atividade* – está dividida em três seções:

A primeira seção – *Papel do expert/ especialista versus intervenant em clínica da atividade* – inicia-se por um texto que traz aspectos teórico-metodológicos da CA, além de dados de pesquisa (Agero e Lima), seguido de outro constituído por uma ampla reflexão de ordem metodológica (Brandão). Ambos discutem os limites, fronteiras, inter-relações entre o trabalho do *expert* e o do *intervenant*, questão

que encerra muitas outras que dizem respeito à relação entre intervenção e pesquisa. Há concordância entre as autoras e a debatedora – Claudia Osório – ao apontarem que, em CA, “o transformar precede o conhecer” e que as funções do especialista e do clínico são muito distintas, pois este procura favorecer o debate sobre o trabalho de maneira que o trabalhador ocupe o lugar de protagonista. Em outros pontos, há discordâncias o que leva a comentários críticos de Osório, em relação aos textos apresentados; ela se pergunta, por exemplo, se a questão tratada por Agero e Lima – *Quem transforma o que? – é, de fato, pertinente e apresenta razões para não considerá-la como tal. A debatedora tampouco* concorda com a posição dessas autoras que, ao separar os objetivos de pesquisa e intervenção, afirmam que estas ocorrem em momentos distintos. Segundo Osório, uma separação temporal da pesquisa e intervenção – “a pesquisa começa quando a intervenção termina”, nos termos de Kostulski (2010) – é artificial; salienta ainda que pesquisa e intervenção constituem fonte e recurso um para o outro, e por isso não podem ser separados no tempo, em etapas. “São movimentos que desembocam em outros movimentos que se organizam no tempo de maneira imprevisível”, afirma Osório.

A segunda seção – *Autoconfrontações e estudos da linguagem: análises do trabalho docente* – apresenta dois estudos abordando situações relacionadas a projetos de formação de professores: um destes (Bueno e Rocha) preocupase com a formação de professores do Fundamental I, e foi realizado no quadro de um convênio entre uma universidade privada e a prefeitura de uma cidade do interior paulista; o outro (Fazion e Lousada) envolveu professores de língua francesa, em um programa de educação continuada, da Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Ao comentar tais pesquisas em seu texto – *O que as autoconfrontações podem dizer acerca do trabalho do professor?* – Souza-e-Silva expõe, inicialmente, de forma clara e concisa, alguns

princípios básicos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), quadro que contribuiu sobremaneira para ambos os estudos, bem como os principais elementos metodológicos da clínica da atividade, a saber, a autoconfrontação simples e a autoconfrontação cruzada; nesse sentido, Souza-e-Silva ressalta o quanto esses procedimentos, elaborados por Faïta (1997), foram integrados e ganharam uma importante dimensão nesse quadro teórico e, por conseguinte, nos estudos aqui expostos. As duas pesquisas apresentam dados preliminares de entrevistas de autoconfrontação simples com professores envolvidos em experiências que guardam suas especificidades. No estudo de Fazion e Lousada foram elegidos um relato de experiência e uma situação de autoconfrontação simples de um professor de francês, participante do referido projeto; o professor em questão participou como professor elaborador (PE), ou seja, como componente de um grupo de professores que elaborou um livro didático para o ensino de língua francesa. No material analisado, o professor avalia tanto a organização do livro, quanto o seu próprio trabalho em sala de aula e assinala as várias dificuldades encontradas. No estudo de Bueno e Rocha, a autoconfrontação simples foi centrada no processo de compreensão da atividade de trabalho, no quadro de um espaço de formação de professores do Ensino Fundamental I (1º a 5º ano); a análise focaliza um recorte de momentos da filmagem de um encontro de formação do curso “Gêneros textuais: produção de sequências didáticas” cujo objetivo principal foi o estudo dos aspectos linguísticos dos gêneros textuais. A análise propriamente dita foi realizada de acordo com o modelo da ISD, identificando-se, portanto, os parâmetros da situação de produção e as marcas linguísticas e os efeitos de sentido daí decorrentes. Ambos os estudos permitem notar, segundo Souza-e-Silva, o quanto “a autoconfrontação se constitui em um espaço de transformação dos atores sociais envolvidos”.

Na terceira seção – *A realização do trabalho de intervenção: potencialidades dos dispositivos metodológicos* – é novamente o dispositivo de autoconfrontação, desta feita na modalidade cruzada, que está em jogo nas pesquisas, uma de Daniela dos Anjos e outra de Raquel Soares e Daisy M. Cunha. Esta última acontece em uma agência bancária, na qual se espera que os trabalhadores desempenhem suas tarefas em um ritmo intenso; particularmente, em atividades de atendimento ao cliente, surgiam conflitos em decorrência de situações de impedimentos do trabalho. Pela autoconfrontação cruzada foi possível uma verbalização de conflitos relacionados à “pausa”, um direito do trabalhador bancário, mas difícil de ser efetivado na prática. Nota-se, então, pelos diálogos dos atendentes envolvidos na autoconfrontação cruzada, que várias questões afloram a respeito desse problema central: quais as estratégias empregadas para se realizar as pausas? Quais os motivos aventados por cada um dos atendentes? Há preocupação com a sobrecarga de trabalho que a pausa acarreta para o coletivo – colegas, em particular quando um atendente se ausenta de seu posto de trabalho? Em suma, as discussões giraram em torno das dificuldades da pausa e dos impedimentos que restringem a possibilidade de sua realização. Soares e Cunha afirmam que o processo pelos quais passaram os membros do grupo propiciou que os atendentes refletissem sobre a rotina quotidiana e, a partir daí, criticassem suas posturas e reorientassem seus modos de trabalho. Na pesquisa de Anjos, a autoconfrontação cruzada teve como protagonistas, duas professoras de séries iniciais de uma escola pública, destacando-se as maneiras pelas quais lidam com a heterogeneidade dos alunos de suas respectivas classes. No decorrer da autoconfrontação, o discurso de uma das professoras evidencia o conflito existente entre seu desejo de mudanças e as dificuldades relacionadas à diversidade de alunos, mas, também, pouco a pouco, a descoberta de outras formas de realizar seu trabalho, ao ver as

imagens, em vídeo, de sua colega, em situação semelhante. Em seus comentários, Lousada e Barricelli destacam vários pontos de ambos os textos e lembram que, segundo Clot e seus colaboradores, a autoconfrontação possibilita que os trabalhadores se desenvolvam, assim como se desenvolve também a própria atividade de trabalho; e acrescentam: “nesse mesmo sentido, podemos dizer que, impulsionados pela verbalização sobre a atividade, amplia-se o poder de agir dos trabalhadores e transformam-se as situações de trabalho”, como foi possível se constatar nas duas pesquisas.

Considerando-se os temas aqui tratados e lembrando os objetivos do seminário que deu origem a esta coletânea, vale salientar uma questão geral, visando articular as duas partes desta coletânea: como se relacionam, ao fim e ao cabo, o desenvolvimento na atividade com o desenvolvimento psicológico? Partindo do princípio de que o homem se constitui em estreita relação com outros, e tendo em vista a importância do trabalho, em toda e qualquer cultura e, particularmente, nas sociedades modernas, é possível levantar a hipótese de que haveria uma correspondência entre o desenvolvimento na atividade e o desenvolvimento psicológico? Clot (2006) salienta, claramente, que foram as situações de “impedimento no trabalho” que o levaram a se interessar pela concepção de desenvolvimento em Vygotski. Ele lembra, porém, que não se pode confundir o desenvolvimento da atividade e o desenvolvimento do sujeito, podendo haver, defasagens entre esses dois aspectos e não uma correlação linear entre eles. Assim sendo, admitindo-se a relação entre esses dois “desenvolvimentos” - questão sempre aberta a novos estudos – pode-se considerar que o campo de pesquisa da Clínica da Atividade abre possibilidades de questionamentos e novas investigações, não apenas da parte dos pesquisadores interessados na área da psicologia do trabalho, mas por todos os que se interessam pelo desenvolvimento humano, em suas múltiplas facetas.



À leitura do conjunto desses trabalhos, nota-se claramente os pontos de concordância entre os diferentes autores que partilham pressupostos e pontos de referência comuns, mas também as divergências tanto nas formas de apropriação e entendimento teórico e de procedimentos metodológicos da clínica da atividade, como nas formas de análises dos dados. Tal fato condiz com a própria teoria, uma vez que para a CA, a controvérsia constitui um motor de desenvolvimento da atividade e do sujeito; além do mais, é importante para o enriquecimento da própria teoria, sempre aberta a novas elaborações.

\* \* \*

Duas pequenas observações de ordem técnica/formal: foi mantida a formatação da primeira versão, de 2004, do texto de Angel Pino, bem como suas referências aos textos citados pelo autor. Quanto às demais contribuições, vale salientar que todas as traduções de trechos ou citações de obras referidas nos textos apresentados, não existentes em português, ficaram sob a responsabilidade dos próprios autores, visando assim um amplo acesso a um maior número de leitores.